



**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**Instituto de Humanidades**  
**Bacharelado em Humanidades**

**Sociabilidades, violência e estigmas no Bairro Bom Jardim – Fortaleza -  
CE.**

**Abel Denner de Menezes Bezerra**

**Acarape – CE**  
**Janeiro de 2020**

**Sociabilidades, violência e estigmas no Bairro Bom Jardim – Fortaleza –  
CE.**

Abel Denner de Menezes Bezerra

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Humanidades, do Instituto de  
Humanidades, da Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira (UNILAB).

**Orientador:** Dr. Lailson Ferreira da  
Silva

**Acarape – CE  
Janeiro de 2020**

**ABEL DENNER DE MENEZES BEZERRA**

**SOCIABILIDADES, VIOLÊNCIA E ESTIGMAS NO BAIRRO BOM JARDIM –  
FORTALE - CE.**

Projeto de Pesquisa julgado e aprovado para obtenção do Diploma de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Data da aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva - Orientador

---

Profa. Dra. Janaina Campos Lobo – Membro

---

Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos - Membro

## AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me proporcionado as condições necessárias para um bom desenvolvimento nessa longa estrada chamada vida.

À minha família pelo apoio, suporte, paciência, carinho, confiança e aprendizado desde meu nascimento.

À minha mãe, Maria Lúcia, que atrelada aos fatores familiares anteriores, está me sustentando financeiramente no município de Acarape, tendo em vista que não pude usufruir do auxílio disponibilizado pela Universidade.

À meu pai, José Wilton, que me criou até meus onze anos de idade e que infelizmente nos deixou, mas sei que ainda vive entre nós no plano espiritual.

Aos meus amigos de infância, do ensino fundamental e médio, do teatro e dos períodos juninos que mantenho contato até hoje, em especial ao Mateus, Hudson, Lairton, Thiago, João Victor, Ellen, Luana, Itamara, Lucas Henrique, Naianny, Beto, Kévyla, Gabriel, Lucas Freitas e Kelly.

Aos meus amigos unilabianos que tornaram a vivência acadêmica mais prazerosa e menos estressante, e que muitas vezes não me fizeram desistir do curso e do projeto, em especial Moisés, Mamim, Rayssa, Yasmin, Naiane, Cecília, Uitelo, Levi, Sampaio, Evenio, Mateus, Samuel, Luan, Beatriz, Mikaele e Dalila.

Aos meus amigos de república Mateus, Samuel, Luan e Bruna pela convivência sadia de muito companheirismo, solidariedade, aprendizados, risadas, e os inoportunos desentendimentos que fazem parte de qualquer grupo de pessoas reunidas.

À meu orientador, Lailson Ferreira, pelos ensinamentos passados e pela paciência que apresentou nas vezes em que demonstrei dificuldades, seja nas teorias ou mesmo na escrita acadêmica. Serei eternamente grato por sua

disponibilidade nesse processo de concretização do Curso Bacharelado em Humanidades.

À professora Janaina Lobo e ao professor Thiago Vasconcellos por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação de TCC.

Ao Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa – CDVHS – pelo acolhimento na minha visita quando solicitado, em particular ao psicólogo Rogério que me orientou sobre alguns trabalhos realizados sobre o Bairro Bom Jardim.

Aos professores universitários que tive a grande oportunidade de participar de suas disciplinas, dentre eles Lailson Ferreira com a disciplina de Identidade e Poder; Jo-Ami com a disciplina de Expressões Artísticas e Estéticas Contemporâneas; Ronald com a disciplina de Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos; e Fernando Afonso com as disciplinas Estrutura e Relação Social e História do Brasil I.

## RESUMO

O presente projeto de pesquisa se insere no campo dos estudos sobre os estigmas e estereótipos, a violência urbana e a sociabilidade dos moradores do Bairro Bom Jardim, localizado na região sudoeste de Fortaleza. Dessa forma, a pesquisa busca identificar e compreender como os estigmas são construídos no imaginário dos moradores, bem como perceber se a violência interfere no dinamismo das relações sociais estabelecidas no interior do bairro. O interesse em estudar a temática passa por inquietações pessoais, pois convivo, como morador do bairro desde a infância, com as imagens negativas em meu cotidiano. O projeto pretende, ainda, contribuir com as pesquisas já realizadas, com novos olhares e perspectivas sobre a problemática. A pesquisa será de caráter qualitativo, utilizando a observação participante e o diário de campo, e usufruindo das entrevistas semiestruturadas como coleta dos dados primordiais à pesquisa.

**Palavras-chave:** Bairro Bom Jardim; Estigmas; Violência urbana; Relações sociais.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVOS.....	13
3. PROBLEMÁTICA.....	14
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
5. METODOLOGIA.....	21
6. ANEXOS.....	23
7. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

## 1. INTRODUÇÃO

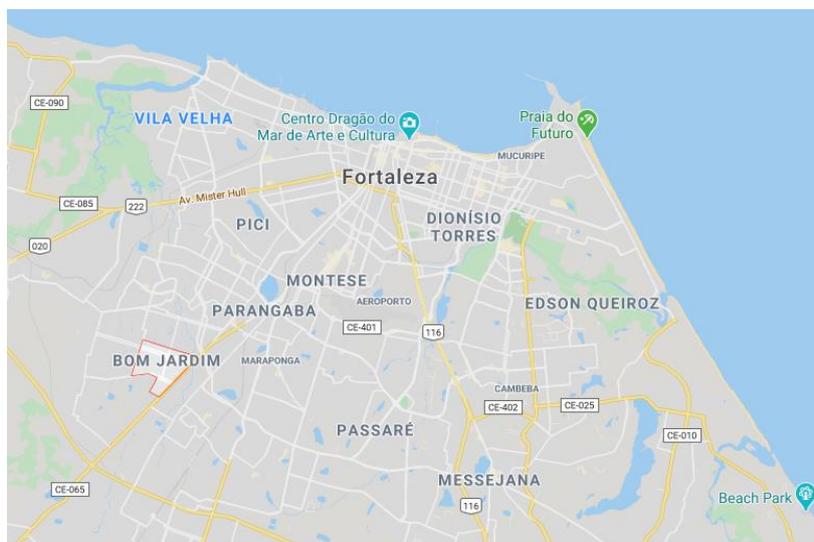
As zonas urbanas populares ou “periféricas” possuem muitas características em comum; dentre elas a falta de amparo governamental e, como consequência o crescimento desordenado. Mas simultaneamente diferem ao entendermos que há uma diversidade étnica, social e cultural inerente ao convívio comunitário. Porém, essas zonas são rotuladas - pelas elites - por marcadores de diferenciações sociais, tornando-as lugares inferiores.

Marcelo Lopes de Sousa (2005) em “Revisando o mito da marginalidade” faz uma análise da obra “O mito da marginalidade” (1976) de Janice Perlman sobre as favelas do Rio de Janeiro. O autor observa que as populações pobres não são “marginais”, mas sim fazem parte desse processo como explorados pelo sistema político ocidentalizado e capitalista, sustentando-o. Significa dizer que os confortos que essas elites possuem atualmente provêm da exploração exercida pelas relações de dominação estabelecidas com os “marginais”.

As cidades, nesse sentido, apresentam um caráter racista para com determinadas populações como afirma Leonardo Damasceno (2010) em seu estudo sobre as relações sociais das comunidades do Bairro Serviluz em Fortaleza: “Dizer e apontar a favela é uma comodidade urbana que esconde o funcionamento da ordem simbólica e racista da cidade” (p. 183). Ou seja, continuar (re) produzindo modelos dicotômicos centro/periferia significa reforçar um ideal elitista pensando um indivíduo enquanto “marginal ou não marginal” como uma espécie de determinismo social.

Essas “margens urbanas”, portanto, são carregados de estigmas que passam a defini-las entre outros aspectos, como sendo espaços perigosos e violentos. Esse é o caso do Bairro Bom Jardim localizado na região sudoeste de Fortaleza – CE.

Figura 1: Mapa de Fortaleza



Fonte: Google Maps.

O Bairro Bom Jardim, conhecido como “Território da Paz”<sup>1</sup>, é formado pelas comunidades de São Vicente, Santo Amaro e Santa Cecília e integra o território do Grande Bom Jardim juntamente com os bairros Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. Com uma população de cerca de 38 mil habitantes e IDH<sup>2</sup> equivalente à 0,19 (102ª posição entre os bairros de Fortaleza).

Figura 2: Mapa do Bairro.



<sup>1</sup> O Bairro ficou assim conhecido com o programa do governo “Territórios da Paz” que visava o combate a violência e a criminalidade nos bairros que apresentavam as maiores taxas de violência na cidade de Fortaleza por volta do ano de 2010.

<sup>2</sup> O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) tem por objetivo fazer uma análise da sociedade para além da perspectiva econômica, somente, no que diz respeito ao PIB *per capita* de cada país. Logo, fatores como educação, longevidade e outros aspectos que influenciam na qualidade de vida humana são importantes para o cálculo do IDH.

Fonte: Google Maps<sup>3</sup>.

Segundo dados do IBGE (2010), por exemplo, há uma grande concentração da população de baixa renda no bairro onde 80,94% dos chefes de família recebem de ¼ a 5 salários mínimos, apenas. Além disso, percebe-se que o sustento de muitas famílias é proveniente do trabalho informal já que somente 7,92% dos moradores têm suas carteiras assinadas (Paiva, 2007).

Ainda segundo dados do último Senso IBGE (2010), o Bairro se encontra nos primeiros lugares nas categorias de bairros mais violentos da capital. Informação esta que corrobora com os dados do “Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza: Perfil da SERV V” (2011) realizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), o recorte “mortes violentas e homicídios” apresentaram um total de 214 casos entre 2007, 2008 e 2009, constando-se na 1ª posição, 3ª posição e 1ª posição, respectivamente.

A referência aos casos de violência no bairro, também estão presentes nos veículos de comunicação televisiva, de cunho sensacionalista como os programas Rota 22 do Canal 22 e Barra Pesada da Tv Jangadeiro, que tratam em sua grande maioria de notícias relacionadas aos casos de violência no Bom Jardim e outros bairros da cidade de Fortaleza. Como também, em pequenos sites de jornais e blogs disponíveis online na internet. Aqui estão duas manchetes de sites online que retratam os casos de violência:

Figura 3: Manchete sobre homicídios no bairro.

### **Bom Jardim registra em um dia metade de homicídios contabilizados de 6 bairros em um mês**

Ha uma década, o grande Bom Jardim foi escolhido para o programa território da paz, do Governo Federal, que previa ações de desenvolvimento social e combate à violência

Por TV Jangadeiro em *Jornal Jangadeiro*  
11 de março de 2019 às 16:01

Há 8 meses

Fonte: Tribuna do Ceará. <sup>4</sup>

<sup>3</sup> Link: <https://www.google.com/maps/place/Bom+Jardim,+Fortaleza++CE/@-3.7956165,-38.6104257,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7c74d00ae0e829b:0x22e474492fa0912b!8m2!3d-3.7919478!4d-38.5996765>. Sítio visitado em 31 de outubro de 2019 às 13:47.

<sup>4</sup> Link: <https://tribunadoceara.com.br/videos/jornal-jangadeiro/bom-jardim-registra-em-um-dia-metade-de-homicidios-contabilizados-de-6-bairros-em-um-mes/>. Sítio visitado em 31 de outubro de 2019 às 14:13.

Figura 4: Manchete sobre *ranking* de homicídios.

## **Bom Jardim e Jangurussu lideram o ranking dos homicídios de adolescentes na Capital**

Por Redação, 11:00 / 22 de Maio de 2018 ATUALIZADO ÀS 11:10

De acordo com o estudo, 981 adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos, foram mortos no Ceará, no ano passado - 414 foram em Fortaleza

Fonte: Diário do Nordeste.<sup>5</sup>

A temática da violência e dos estigmas no bairro Bom Jardim, já foi abordado no estudo de Luiz Fábio Paiva intitulado *“Contingências da Violência em um Bairro Estigmatizado”* (2007) tratando da violência de modo geral, suas categorias e seus impactos no cotidiano dos moradores de baixa renda de várias comunidades do Bairro Bom Jardim. Ele percebe que a violência parece ditar a vida desses moradores, já que muitos desses se sentem intimidados com tamanha sensação de insegurança.

Já o estudo de Leila Maria Passos intitulado *“Pobreza e Lugar(es) nas Margens Urbanas: Lutas de classificação em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim”* (2015) busca focar nas questões sociais que envolvem as lutas dos moradores das comunidade de Marrocos e Mela, as comunidades do “vixe” do “vixe”. Aqui a autora se debruça a entender como os moradores dessas comunidades conseguem, por meio das lutas simbólicas, classificar a si e aos outros dentro de suas posições de pobreza em um território “duplamente” estigmatizado.

O estudo de Leila (2015) se atenta a abordar a construção dos estigmas de uma forma geral a partir de uma perspectiva marxista, vinculada ao capital, capitalismo e classe trabalhadora. As razões que motivam a proliferação desses estigmas parecem superar o simples fato do Bairro estar localizado na periferia de Fortaleza. A busca desse entendimento é uma das propostas deste projeto de pesquisa.

Ambos os estudos são de extrema importância para compreensão do contexto social do Bairro Bom Jardim, tendo em vista os altos índices de

---

<sup>5</sup> Link: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/online/bom-jardim-e-jangurussu-lideram-o-ranking-dos-homicidios-de-adolescentes-na-capital-1.1942312>. Sítio visitado em 31 de outubro de 2010 às 14:25.

pobreza e desigualdade social que o Bairro realmente apresenta e como isso está atrelada à reprodução de estigmas<sup>6</sup>. E é nessa perspectiva que o meu estudo se insere.

Com isso, a proposta deste estudo vincula-se a identificar os estigmas e estereótipos presentes no imaginário dos moradores de dentro e fora do bairro, percebendo se eles exercem alguma influência no cotidiano dos cidadãos. Os estigmas e estereótipos em questão estão vinculados à própria visão presente no imaginário dos moradores de dentro e fora do Bom Jardim: bairro violento e perigoso.

O interesse em estudar essa temática passa por inquietações pessoais, pois convivo, como morador do bairro desde a infância, com essas imagens negativas no meu cotidiano e percebo que os estigmas interferem de alguma forma a sociabilidade no Bom Jardim, que passam pela sensação de insegurança em sentar nas calçadas, andar pelas ruas, ao ouvir os moradores antigos afirmarem que antigamente era mais tranquilo, entre outras coisas.

Uma das inquietações é o fato da maioria das pessoas de fora do bairro reagir com um “vixe” quando declaro pertencer ao bairro. Também se torna comuns pessoas e estabelecimentos comerciais que dependem do transporte (como *Uber* e Farmácias) se recusarem a aceitar pedidos dos moradores por receio de que seus veículos sejam roubados. Isso inclusive já ocorreu comigo no início de 2019 em meio a greve emergente dos motoristas de coletivos. O motorista de *Uber* se recusou a levar-me para casa afirmando que o bairro era muito perigoso.

Dessa forma, a proposta deste estudo parte dessas inquietações pessoais e pelo desejo de contribuir de alguma forma com os estudos sobre as minorias, sobre os bairros populares, sobre os preconceitos e discriminações que delas se seguem.

---

<sup>6</sup> Segundo Goffman (1963), estigma “é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (pág. 13), muito embora os atributos possam levar ao descrédito nas sociedades modernas. Segundo ele há diferentes tipos de estigmas como os físicos (deformações físicas), de culpa individual (personalidade) e aqueles provenientes da raça, etnia e religião dos indivíduos.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral:**

Entender como são construídos os estigmas e estereótipos em relação aos moradores do bairro Bom Jardim e de que maneira influencia a forma de como os moradores se relacionam entre si.

### **2.2 Objetivos específicos:**

- 1- Apresentar o contexto de surgimento e desenvolvimento do bairro Bom Jardim em Fortaleza - CE, traçando um perfil socioeconômico dos moradores.
- 2- Perceber o conteúdo e a abordagem que os principais jornais e programas televisivos estabelecem ao relatar casos relacionados ao bairro Bom Jardim localizado em Fortaleza – CE.
- 3- Identificar como os casos de violência alteram o cotidiano do bairro.

### 3. PROBLEMÁTICA

A violência se apresenta de diferentes formas para os moradores do Bairro Bom Jardim. Ela se manifesta em discussões que acabam em espancamento em ambientes festivos, em assaltos, em homicídios/feminicídios. Alguns diriam que ela faz parte da natureza humana ou, para os puritanos, à ausência de Deus no coração.

Em todos esses aspectos o uso da força física está presente como evidência maior, mas alguns moradores percebem a violência simbólica presente no bairro. Entendem, por exemplo, que a imagem pejorativa do bairro acaba desqualificando ou rotulando os moradores como simples marginais.

Como já dito anteriormente, dentre as diversas imagens associadas ao Bairro Bom Jardim, a violência é uma das visíveis tanto internamente como fora do bairro. Essa imagem, ganha destaque recorrentemente em noticiários de TV “aberta”, em especial, com os programas sensacionalistas Barra Pesada (TV Jangadeiro) e Rota 22 (TV Diário).

Quando acessamos o *Google*<sup>7</sup> utilizando as palavras-chave “Bom Jardim - Fortaleza” e/ou “Violência”, podemos identificar um número considerável de páginas que abordam essa temática. No acesso em 26 de novembro de 2019 às 23:13 horas, pude encontrar um total de 1.570.000 páginas abordando a temática.

Essa marca negativa associada à violência também se faz presente no cotidiano do bairro, assim como fora do bairro. As pessoas que não moram no bairro costumam defini-lo como sendo um lugar perigoso. Segundo os conceitos de Mary Douglas (2012), nas periferias das grandes cidades é onde habita toda a desordem promovida por impurezas<sup>8</sup> socialmente construídas.

Essa imagem do bairro como sendo um local perigoso é amplamente reforçada nas relações cotidianas entre os moradores, pois é recorrente assaltos em paradas de ônibus, bem como no interior dos ônibus; como também em casos de homicídios, seja pelo número de disparos realizados ou números de pessoas envolvidas.

---

<sup>7</sup> *Google*, criada em 1998, é a principal plataforma de buscas online gerenciada pela empresa americana de *softwares* de mesmo nome.

<sup>8</sup> Impurezas são os fatores que não se inserem ao que é sagrado. São provenientes da desordem, do caos e da ambivalência presente na modernidade.

Nessas situações, os moradores do bairro fazem comentários do tipo “O Bom Jardim está entregue nas mãos dos vagabundos” ou “O Bom Jardim não tem política” e ainda “A polícia não manda em mais nada”.

É importante ressaltar que muitos casos de violência no bairro são mais comentados e lembrados entre a população local quando são apresentados na TV. Como, por exemplo, o Caso Dandara<sup>9</sup> que fora repercutido a nível nacional. Quando casos de assassinatos de pessoas trans são noticiados a Dandara sempre é lembrada pelos moradores do bairro.

Independentemente da situação, é fato que acontecimentos desse tipo geram alguma repercussão no bairro e costuma-se ouvir as/os moradores fazendo comentários sejam entre familiares, amigos, espaços de diversão, entre outros. Porém, ultimamente tenho percebido uma resistência de alguns moradores ao relatar alguns desses fatos. Ao que tudo indica, o motivo mais evidente é o clima de tensão criado pelas facções criminosas que se consolidaram nas áreas duplamente estigmatizadas dos bairros populares (Bezerra, 2015). O Bom Jardim não é exceção.

Em sentido oposto nos dias em que esses casos não chegam aos ouvidos dos moradores, eles afirmam que o bairro está calmo e tranquilo. Logo a imagem negativa do bairro parece ser posta em segundo plano.

Nessa perspectiva, como os casos de violência alteram o cotidiano do bairro? Em que medida reforça a imagem do bairro como sendo um local perigoso? Como a população local desenvolve estratégias para lidar com essa imagem quando estabelecem relações sociais fora do bairro?

---

<sup>9</sup> Dandara dos Santos era uma travesti que foi espancada até a morte aos 42 por um grupo de aproximadamente quatro homens, em plena manhã do dia 15 de fevereiro de 2017. Os indivíduos utilizaram variados objetos que encontravam nas ruas para executá-la.

#### 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Milene Paiva (2006) faz uma interessante distinção entre o que é favela e periferia, muito embora pareçam se tratar de um único fenômeno urbano. Para ela, a favela é o único local onde as pessoas de baixa renda conseguem sobreviver nas cidades e, geralmente, ganham dinheiro com base no trabalho informal. Soma-se a isso o fator das invasões ocorridas para aquisição de terras desses moradores. Por outro lado, a periferia é caracterizada pela venda de lotes de terras para pessoas com uma renda suficiente para manter-se na cidade nas áreas mais afastadas do centro.

A favela e a periferia partilham alguns aspectos em comum, como serem localizadas em zonas distantes das “áreas economicamente ativas”, ou seja, as regiões que concentram uma quantidade relativamente alta de trabalhadores formais. Soma-se a isso as condições inseguras e inconsistentes do lugar, que não conta com planejamento adequado, saneamento básico, terrenos regulares, etc.

Um dos principais motivos do crescimento das favelas/ periferias foi o fenômeno das migrações, em específico, o êxodo rural que marcou as décadas de 40 a 70 (Ávila, 2006). O êxodo rural consiste na saída de uma pessoa ou grupo de pessoas do campo para as grandes cidades por variados fatores, dentre eles estão questões de “ordem sociais, econômicas, culturais, políticos e ambientais” (FONSECA *et al*; 2015, p.234).

Dadas às circunstâncias, a imagem criada sobre territórios periféricos/ favelados é pejorativa, centrada em vários estereótipos depreciativos. Nas palavras de Milene (2006, p.86):

Há uma tendência, muito atual, em conceber as favelas e periferias como sendo um lugar ruim, onde imperam o medo e o tráfico de drogas: cenários onde se vive uma verdadeira guerra entre os bandidos e a polícia, estando os moradores no meio desse “fogo cruzado”, impotentes.

Em relação ao tráfico de drogas, Marcelo L. Sousa (2005) o percebe como *causa* muito antes de toma-lo como *consequência*. Isso porque o tráfico de tóxicos, para ele, não se compara com as práticas ilegais cometidas pelos “de cima” como “cinismo, corrupção e desrespeito pela coisa pública” (p.99).

Não podemos ver, porém, os lugares somente sob essas perspectivas porque acabamos escondendo toda a potencialidade do lugar, tanto em termos culturais como em sociabilidade enquanto comunidades solidárias. Com a prestação de serviços públicos adequados e verdadeiramente efetivos, em colaboração com as ONG's, teríamos uma imagem diferente das periferias. Seriam potentes a ponto de moldar “novas formas de organização e projetos políticos entre as comunidades pobres e urbanas” (HITA; GLEDHILL. 2010, p.195).

Contudo, nos estudos realizados sobre o bairro Bom Jardim; Luiz Fábio Paiva (2007) e Leila Maria Passos (2015), tratam sobre vários aspectos: desde a sua formação e expansão desordenada, passando pelas questões de segurança e saúde públicas, as lutas dos movimentos sociais até a construção dos estigmas, da imagem ou fama do lugar: O “Vixe” ou, como diz Leila Passos (*idem*) se tratando de algumas comunidades, “Vixe do vixe”. Um elemento central nas discussões de suas teses é a violência presente no contexto do bairro Bom Jardim. Luiz Fábio Paiva (*idem*), por exemplo, analisa a violência segundo três categorias: em crianças e mulheres, em brigas e, por fim, em casos de homicídios/feminicídios que são categorizados como “acertos de contas”.

Recai não somente sob o Ceará, mas em todo o Nordeste uma antiga fama dos tempos sertanejos onde a violência interpessoal era rotineira (Zaluar, 1994) e que de certa forma o “acerto de contas” é uma alusão ao passado. Também podemos pensar que desde então a pobreza foi associada à violência no contexto dos estados nordestinos.

A concepção do que é violência apresenta-se um tanto confusa devido à complexidade do termo. Zaluar (1999) afirma que o termo provém do latim *violentia* que simboliza o uso ou exercício da força física (incluindo ameaça e prática). Ela conclui dizendo que “esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica” (*id*, p.8). Importante destacar, dessa forma, dois fatores: a) nem todo exercício da força pode ser considerada violência; b) o uso da força varia em tempo e espaço.

A violência também pode ser entendida e analisada a partir da perspectiva do poder. Para Dahlberg e Krug (2007) quando incluímos a palavra

“poder” à concepção de violência, elevamos a polissemia do termo, tratando o ato violento como uma relação de poder. Essa relação de poder pode ser reproduzida tanto fisicamente quanto mentalmente com base em ameaça/intimidação que podem ser caracterizadas como violências simbólicas.

Na perspectiva de Mary Douglas (2012) o poder é exercido ou concebido de diferentes formas a partir do contexto situacional, na forma e em sua ausência:

Muitas das noções relativas ao poder assentam na ideia de que a sociedade é constituída por uma série de formas que se opõem à ausência de forma circundante. As formas têm um certo poder, a ausência de forma — as regiões inarticuladas, as margens, os limites confusos, o outro lado das fronteiras — tem outro. (p.75-76)

A violência faz parte de toda a experiência da história humana (Dahlberg; Krug. 2007). Ela é o reflexo de uma sociedade que foi erguida por genocídios sucessivos iniciados pelos colonizadores portugueses antes do século XV e herdada por seus descendentes bandeirantes na “expansão do território brasileiro”. É reflexo de um país “ex-autoritário” racista, machista, patriarcal, heteronormativo e elitizado. País segregado social e economicamente, onde a renda é centralizada nas mãos de poucos. Enfim, país marcado pela delinquência humana (Adorno, 2002).

Como reflexo também de um país emergente, a violência institucionalizada é bastante vivenciada em bairros populares. A violência como instituição é a violência legítima, legal e representada pela figura do Estado e seus veículos de ordenamento social, como os órgãos de saúde e segurança públicas (Laura Mury, 2012). A polícia é um desses representantes que tem como ideal a preservação da segurança de todos e o exercício da justiça.

A contingência da violência e os percursos de classificação do lugar são dois fatores que fatalmente alteram a dinâmica do bairro. Eles (re) produzem estigmas e estereótipos que são apropriados pelos veículos de comunicação, em especial os programas sensacionalistas.

Segundo Erving Goffman (2015) os estigmas são “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (p.13), inferiorizando seus portadores, rotulando-os como “anormais”, como diferentes. São revelados, em primeira

instância, visualmente pelos signos, marcas ou símbolos que um indivíduo carrega. Porém, há outros estigmas que são perceptíveis a partir do contato direto, das relações sociais estabelecidas.

Para o autor, os indivíduos estigmatizados são aceitos dentro das relações sociais cotidianas enquanto seus estigmas não são reconhecidos. Quando o são, “construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (p.15).

Zygmunt Bauman (1999) acredita que a essência dos estigmas é a diferença e sua efetivação, justificando a permanente exclusão do indivíduo portador. Evidencia, ainda, os limites das capacidades culturais de se transformarem, ou seja, dos “estranhos” se adaptarem aos “normais”. Logo, o limite é um sinal ou marcador de estigmas.

Os estigmas são – majoritariamente – manipuláveis a ponto dos indivíduos portadores conseguirem ocultá-los ou evidenciá-los (*id, idem*). Logo, esses estigmas são apropriados pelos veículos de comunicação de massa, com foco nos programas sensacionalistas, que reproduzem essas imagens depreciativas de algo ou alguém – no caso, da violência presente nos bairros populares.

Segundo Jaime Patias (2006), o gênero jornalístico sensacionalismo possui diferenças significativas dos gêneros tradicionais: a forma como noticiam, as vestes dos apresentadores, a liberdade dos apresentadores no estúdio, as expressões faciais, os gestos das mãos, a repetição das imagens/reportagens, a linguagem informal, dentre outros fatores. Nos gêneros sensacionalistas, as ações são exageradas e repedidas para causar maior impacto nos telespectadores.

[...] o mais importante é a manchete, que faz o leitor ou telespectador ler ou assistir (comprar) apenas por atração, por sensação, por impacto, por curiosidade despertada, uma vez que o desenvolvimento da matéria não acrescentará em nada além daquilo que já foi anunciado. As matérias têm o tempo e a duração que forem necessários, desde que mantenham o receptor interessado naquilo que é mostrado, garantindo a audiência (p.1).

Os programas sensacionalista, dessa forma, quase não percebem limites para chamar a atenção dos telespectadores, mantendo suas audiências diárias. Mesmo com essa “metodologia apelativa”, o jornalismo sensacionalista cumpre o seu papel de repassar as principais informações sobre os fatos, assim como devemos considerar que o exagero também está presente nos gêneros jornalísticos tradicionais (Patias, 2005).

Para o autor, ainda, os pilares ou fundamentos da proposta ideológica sensacionalista são a violência, o sexo e o esporte. Trata-se de um tripé “sagrado”, de tabus e é praticamente inquestionável à sociedade brasileira conservadora. Esse gênero – sensacionalismo – é ambivalente, contraditório a partir do momento em moraliza desmoralizando, denuncia a violência ao mesmo tempo em que a incentiva.

Entretanto, o principal ingrediente é o chamado *fait divers* (assuntos diversos) que fazem parte do cotidiano dos telespectadores, como notícias sobre crimes, tragédias e mortes, aproveitando-se de fatores emocionais e psicológicos dos fatos (Marieli, 2011).

Os programas televisivos, portanto, não demonstram preocupação com o bem-estar cidadão ou com seus valores morais e éticos da população. Dessa forma, desmoralização dos Direitos Humanos, não só dos veículos de comunicação de massa, mas também dos governos, incrimina as minorias e fere a própria Constituição Federal de 1988, na Lei nº 10.257/2011 do Estatuto da Cidade<sup>10</sup> (art. 3º, inciso III) que visa “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (p.9).

---

<sup>10</sup> Estatuto disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf?sequence=6%20Calizaya>, Sítio visitado em 15/01/20 às 19:45.

## 5. METODOLOGIA

Tendo em vista a proposta de projeto apresentado acima, a abordagem qualitativa apresenta-se como a mais adequada à pesquisa a partir do momento em que o pesquisador se insere no campo e utiliza-se da empiria e da análise subjetiva do discurso dos participantes para fazer suas conclusões sobre os fenômenos sociais em questão (Creswell, 2008). O método qualitativo, ainda, consiste em um aprofundamento dos dados, ou melhor, tenta perceber o que está para além das evidências dos dados obtidos durante a coleta de caráter exploratório.

Uma das técnicas qualitativas a serem utilizadas é a observação participante, que consiste no engajamento ou em uma presença “ativa” do pesquisador junto aos participantes no campo (Creswell, 2008). Com auxílio à observação participante, os diários de campo terão um papel importante, pois nele poderei descreverá meu dia-a-dia no campo, obtendo informações do cotidiano que serão importantes nos resultados.

A coleta de dados, por conseguinte, será a partir das entrevistas semiestruturadas, ou seja, realizadas de forma individual, com perguntas abertas no intuito dos participantes falarem o que realmente estão pensando/sentindo, e não induzi-los a falar o que não sentem vontade. Ao utilizar essa estratégia conseguirei orientar as perguntas e respostas, bem como conhecer os entrevistados com facilidade. Vale destacar que o registro das falas será feito mediante gravador de áudio do Smartphone, caso dada a permissão por parte dos entrevistados.

As entrevistas serão realizadas no Bairro Bom Jardim – Fortaleza. O público-alvo O público-alvo serão moradores do bairro que estabelecem relações dentro e fora do bairro, seja em espaços de lazer, educação, trabalho, diversão, entre outros; nos quais precisam lidar com formas de preconceito e discriminação. Os participantes da pesquisa serão informados sobre os objetivos do projeto, o motivo da entrevista, bem como será apresentado o Termo de Consentimento, contendo as informações fundamentais que envolvem a temática.

# **ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “*Território da Paz: sociabilidades, violência e estigmas no bairro Bom Jardim*” desenvolvido por Abel Denner de Menezes Bezerra. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Lailson Ferreira da Silva, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail [lailson.silva@unilab.edu.br](mailto:lailson.silva@unilab.edu.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é entender como os estigmas presentes no imaginário dos moradores e a violência interferem no cotidiano do Bairro Bom Jardim.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada por um Smartphone a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Fui informado(a), ainda, de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) testemunha(a): \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO PRELIMINAR

- Qual sua história com o Bairro Bom Jardim?
- Como você entende o contexto do Bairro Bom Jardim?
- Para você, o que é a violência?
- Quais os meios de comunicação que você consegue informações sobre o Bairro Bom Jardim?
- Como você percebe as notícias de programas policiais quando se referem ao Bairro Bom Jardim?
- Você já sentiu algum preconceito/discriminação por morar no Bairro Bom Jardim? Se sim, poderia descrever?

## 5. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. *Exclusão Socioeconômica e violência*. Sociologias: Porto Alegre, pp.84-135, 2002.

ÁVILA, Milene Peixoto. “*Periferia é periferia em qualquer lugar?*”. Antenor Garcia: estudos de uma periferia interiorana. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFSCar. São Carlos, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BEZERRA, Leila Maria Passos de Souza. *Pobreza e lugar(es) nas margens urbanas: Lutas de classificação em territórios estigmatizados no Grande Bom Jardim*. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFC. Fortaleza, 2015.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. – 2. Ed. – Porto Alegre: Arlmed, 2007.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. *Violência: um problema global de saúde*. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, v.11. 2007.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectivas, 2012.

FONSECA, Wéverton Lima et al. *Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro*. São Paulo: Nucleus, v.12, n.1. pp.233 – 240. 2015.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes, 4.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GLENDHILL, John E; HITA, Maria Gabriela. *Antropologia na análise de situações periféricas urbanas*. São Paulo: Cad. Metrop., v.12, n.23, pp.189-209. 2010.

MAPURUNGA, José. *Bom Jardim*. Fortaleza: Coleção Pajeú, 2015.

MOURA, Ricardo (Org). *Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza: Perfil da SER V*. Fortaleza: LabVida-UECE; COVIO-UECE; LEV-UFC, 2011.

MURY, Laura. *Violência Institucional sob a ótica de um serviço virtual*. Brasília: Revista de Direitos Humanos da AMB, pp.53-55. 2012.

PAIVA, Luiz Fábio S. *Contingência da Violência em um bairro estigmatizado*. Dissertação (Dissertação em Sociologia) – UFC. Fortaleza, 2007.

PATIAS, Jaime. *O jornal sensacionalista, a violência e o sagrado*. São Paulo: Cásper Líbero, 2006.

SÁ, Leonardo Damasceno de. “*Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*”. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFC. Fortaleza, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “*Revisitando a crítica ao mito da marginalidade: a população favelada do Rio de Janeiro em face do tráfico de drogas*”. In: ACSELRAD, G. org. *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. 2nd ed. rev. and enl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp.89-103. 2005.

TEIXEIRA, Marieli Rangel. *As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUCRS. Porto Alegre, 2011.

ZALUAR, Alba. “*Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização*”. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_ “*Condomínio do Diabo*”. Rio de Janeiro: Revan; Ed. UFRJ, 1994.